

VIBRA

A REVISTA DO VITAL BRAZIL
ano 5 / nº 13 / 1º trimestre letivo de 2021

Sophia Cardoso Oliveira,
aluna do 3º ano B.

Em defesa da escola

Por
Danielle Admoni,
psiquiatra
especializada
em infância e
adolescência.

Caros amigos,

Em março de 2020, um relatório elaborado por pesquisadores da Universidade de Harvard e da OCDE (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico) para guiar a resposta educacional à COVID-19 afirmava, já em seu primeiro parágrafo: “*As necessárias medidas de isolamento social trarão uma interrupção na educação escolar por vários meses [...] Na ausência de uma estratégia intencional e eficaz que proteja as oportunidades de aprender durante este período, esta interrupção causará graves perdas de aprendizado para os alunos.*” Desde então, é cada vez mais evidente nossa responsabilidade na defesa da educação como atividade essencial e direito fundamental das crianças e jovens.

Como grupo educacional, sempre tivemos o dever de contribuir para a formação de nossos mais de 4 mil alunos. Ao mesmo tempo, neste momento atípico, tínhamos a consciência de que todos estávamos lidando com outras questões também absolutamente essenciais, como saúde e segurança financeira, e de que nossa função era atender a uma responsabilidade sem comprometer as outras. Fazer escolhas que minimizassem as perdas decorrentes do afastamento dos alunos, sem recorrer ao raciocínio de que talvez fosse mais fácil abrir mão da educação formal por um tempo, sob o argumento de que prejuízos de conteúdo seriam recuperáveis. Ou de que o custo para promover o aprendizado a distância seria alto demais.

Nesse processo, acabamos por descobrir um papel muito relevante das escolas na estruturação de toda a sociedade. Não apenas na educação das novas gerações, mas também no estabelecimento de uma rotina dos lares e na promoção da saúde mental dos alunos. Nossas escolhas, que visavam o menor prejuízo para o aprendizado, passaram a considerar também formas de contribuir com a organização de cada família e de evitar desconfortos, para além dos inevitáveis em uma pandemia.

Somado a isso, havia também a urgência de cuidar de quem cuida diariamente de nossos estudantes. Professores e colaboradores estiveram sempre comprometidos em zelar pela educação, não deixar o ritmo cair e se mostrar presentes para as demandas de cada aluno; e nós

estivemos comprometidos com eles. Além de garantir a manutenção de renda de toda a equipe, promovemos um conjunto de olhares e ações que têm nos permitido superar juntos os desgastes impostos por essa grave situação.

Assim, entre o abre e fecha de portas que vivemos há mais de um ano, entre sinais de esperança e desilusão que se alternam, fomos reprogramando nossas ações em busca das melhores escolhas para todos.

Hoje, temos alguns aprendizados consolidados. A sociedade brasileira, a exemplo de outros países, evoluiu para tratar a educação como atividade essencial. Por meio de gestores públicos e organizações da sociedade civil, caminhamos – a passos ainda tímidos – para garantir cada vez mais a educação presencial para nossos alunos. Também já temos sedimentada a ciência quanto ao menor papel que as crianças representam na disseminação do vírus. De nossa parte, aprendemos no dia a dia a implementar um protocolo de saúde, a lidar com as restrições impostas, a medir o número de casos de COVID-19 e a seguir acompanhando com segurança as condições higiênicas e sanitárias dos nossos colégios. A todo tempo, nossas escolhas foram pautadas pelo compromisso com alunos, famílias, colaboradores, e, sobretudo, com a educação. Afinal, se a escola não mantiver o papel de defender a educação, quem o fará?

E assim seguimos, agora em um novo momento, no qual a educação presencial é permitida, mas ainda encontra barreiras. Seja pela preocupação com a saúde de familiares e pessoas em contato com alunos; seja por receio do retorno ao convívio por parte dos jovens; seja pela possibilidade do ensino remoto (que não substitui o presencial); seja pela necessidade de, mais uma vez, reorganizar as rotinas familiares.

Cada escolha é genuína e compreensível. Estamos em um caminho de aprendizados, e muitos ainda estão por vir. Mas, diante das escolhas e de quaisquer dificuldades que ainda venhamos a enfrentar, jamais perderemos o nosso norte: a defesa da educação.

Cristina Godoi

Mantenedora do grupo Godoi Educacional
(Vital Brazil, Albert Sabin e AB Sabin)

Como ajudar os filhos a lidar com a ansiedade?

1 ESTABELEÇAM UMA ROTINA DA CASA.

É importante ter horários para acordar, tomar café, assistir à aula, estudar, almoçar, divertir-se e praticar atividades físicas. A rotina ajuda a “disciplinar” o organismo, evitando a depressão e a ansiedade, entre outros males.

2 AJUDEM OS FILHOS A DIFERENCIAR OS DIAS,

principalmente as crianças menores. É importante que tenham noção da passagem do tempo e dos dias da semana. Que associem o período de segunda a sexta como o do trabalho dos pais e do seu estudo, e o fim de semana como o tempo dedicado ao descanso e lazer.

3 CULTIVEM OS LAÇOS FAMILIARES E AMIZADES.

Mesmo de forma remota, é possível criar eventos por videoconferência, como o almoço de domingo em família ou uma comemoração com os amigos. Esses encontros são fundamentais para criar empatia e identificação e mostrar que não somos os únicos que estamos sofrendo.

4 NÃO EXIJAM DEMAIS NAS AULAS ON-LINE.

O aprendizado remoto costuma trazer dificuldade para alguns estudantes. Paciência, compreensão e cuidado com as cobranças excessivas são recomendáveis. Deem um desconto se o seu filho não conseguir completar todas as tarefas ou perder a concentração no meio da aula.

5 NÃO EXIJAM DEMAIS DE SI MESMOS.

A mesma postura vale para os pais. A maioria está sobrecarregada, e, às vezes, é impossível dar conta de tudo. Considerem rebaixar as exigências e expectativas e sofrer menos. Ninguém vai morrer se almoçar *Miojo* um dia.

6 DE TEMPOS EM TEMPOS, AFASTEM-SE DAS TELAS.

Pais e filhos estão sofrendo de “Zoom fadiga”, o estresse provocado por passarmos horas de olho na tela do computador ou do celular. Está provado que reuniões de trabalho e aulas *on-line* exigem uma atenção muito maior do que situações presenciais. O ideal é estabelecer pausas, sair da frente da tela por alguns minutos, mudar de ambiente, e só retornar depois de alguns minutos.

7 PRATIQUEM ATIVIDADE FÍSICA.

Mesmo cumprindo o distanciamento social, é possível praticar atividade física em casa ou até dar uma caminhada pelo quarteirão, usando máscara e tomando os devidos cuidados. O exercício é necessário para manter o corpo e a mente saudáveis.

8 TOMEM SOL.

Nosso corpo precisa de raios solares para sintetizar a vitamina D. Além disso, o sol sinaliza ao cérebro que é dia e devemos estar despertos e alertas. Da mesma forma, precisamos do escuro para nosso corpo saber que é noite e descansar. Portanto, à noite, um ambiente escuro e tranquilo – e sem celular na cama – é fundamental.

9 POR FIM: NÃO SE ANGUSTIEM.

O processo de mudança para uma vida sustentável é urgente, mas isso não pode se transformar em angústia ou culpa. Comecem aos poucos, mudem o que for possível. É preferível dar um passo de cada vez a tentar uma transformação radical e não conseguir mantê-la. O processo deve ser positivo e prazeroso.



Após meses confinados em casa, alunos da Ed. Infantil aproveitam os amplos espaços do Vital Brazil.

A razão de estar lá

Havendo condições sanitárias, a Educação Infantil tem bons motivos para priorizar o ensino presencial.

Raquel Fukumori conhece o desafio de manter a atenção de uma turma de estudantes por ensino remoto. Professora de Medicina Veterinária do Centro Universitário FMU (Faculdades Metropolitanas Unidas), Raquel tem dado aulas de casa, de onde também pode observar seus filhos, Davi e João, assistirem a aulas remotas do 5º ano e do Pré I do Vital Brazil, respectivamente. Ela se impressiona com o que vê: “Se já é difícil entreter alunos de nível superior, imagine crianças! [As professoras do Vital] são superguerreiras, se desdobram”, diz Raquel, ainda admirada com uma aula em que a professora do mais novo havia achado um jeito de brincar de Gato Mía a distância.

E, no entanto, se puder escolher, Raquel não tem dúvidas do que deseja para os filhos: “Que eles frequentem a escola!”, diz a veterinária. “Espero um milagre, um comunicado dizendo que tudo voltou ao normal! Mas, mesmo que neste ano as aulas presenciais fiquem indo e voltando, já está ótimo, para eles não perderem o vínculo, que é essencial”.

Tendo testemunhado, em fevereiro, o efeito positivo que o retorno ao Colégio teve em seus filhos, Raquel expressa visão semelhante à da equipe do Vital Brazil, um ano após o início da pandemia: que, de lá para cá, todos evoluíram muito na prática do ensino remoto, mas que, dada a possibilidade, o ensino presencial ainda traz vantagens que precisam ser aproveitadas. Especialmente para a primeira infância, fase em que grande parte do aprendizado diz respeito à socialização da criança.

“Está na BNCC: as interações e a brincadeira são eixos estruturantes da Educação Infantil”, diz Camila Petrolina, coordenadora da Educação Infantil e do 1º ano do Fundamental do Vital, citando a Base Nacional Comum Curricular. “Nessa fase, as crianças aprendem

muito pela imitação, relacionando-se umas com as outras. São vivências e experiências lúdicas primordiais, que ficam um pouco prejudicadas pelo afastamento. Por isso, na volta ao presencial, essa etapa é prioridade”.

De fato, em fevereiro, enquanto as turmas do Fundamental e 1ª e 2ª séries do Médio retornaram apenas parcialmente às aulas presenciais, em sistema de rodízio, respeitando a ocupação máxima da escola permitida pelas normas sanitárias, os alunos da Educação Infantil (e da 3ª série do Médio) já puderam frequentar o Colégio todos os dias, se as famílias assim optassem.

Segundo Viviane Rodrigues, professora do 1º ano do Fundamental, a primeira coisa que ficou evidente nos alunos foi “uma saudade grande da escola”. Mais precisamente, da amplitude da escola, em comparação aos limites das casas onde todos haviam sido confinados por tanto tempo. “Era impressionante como eles queriam correr e correr pelos espaços do Colégio”, diz Viviane.

À explosão de vigor físico, diz Viviane, seguiram-se a alegria pelo reencontro e a vontade de renovar os laços sociais. Foi o mesmo padrão que Raquel Fukumori notou no filho mais novo, do Pré I: “Engraçado que, nos primeiros dias de aula presencial, o João não falava tanto dos amigos, só das atividades. Mas duas semanas depois ele voltou a falar dos colegas e reaproximou-se das crianças aqui do prédio”, diz a veterinária, comentando que até a relação do caçula com a própria família havia melhorado – como se as interações na escola o tivessem reensinado a se socializar.

Não demorou, contudo, para que alguns sinais de atenção acendessem na equipe da Educação Infantil do Vital Brazil. De certa forma, os longos meses afastados haviam cobrado um preço no nível de autonomia e maturidade de algumas crianças, o que obrigou as professoras a agir.



Aula da professora Maria de Lourdes, do Pré I: respeito ao distanciamento, mas com um olhar bem próximo sobre o desenvolvimento de cada aluno.

Pisar no freio para avançar

“Em casa, nos meses de distanciamento, as crianças foram muito assistidas pelos pais, que faziam tudo por elas: ligavam o computador na hora da aula, traziam lanches, retiravam os pratos depois”, diz Camila Petrolina. “É compreensível: delegar dá trabalho, e os pais também têm suas obrigações a cumprir. Mas isso fez com que os alunos acabassem esquecendo alguns procedimentos da escola que já estavam consolidados, como jogar os restos do lanche nas lixeiras ou guardar as mochilas. A volta ao presencial nos mostrou isso”.

Professora do Pré I, Maria de Lourdes Freitas faz coro à coordenadora, notando que, além da maior dependência dos adultos, alguns alunos apresentaram certa dificuldade de socialização. “Estavam um pouco mais egocêntricos do que o normal; foi preciso um tempo até voltarem a gostar de ficar juntos, como antes”, lembra. Já Ângela Freitas, do Pré II, comenta que outro possível reflexo do período de isolamento foi uma menor tolerância à frustração. “Vamos crianças desistindo rapidamente de tentar ou começando a chorar porque não conseguiam abrir um zíper”, diz ela.

Entretanto, se o reencontro presencial ajudou a equipe a identificar esses e outros *gaps* no desenvolvimento dos alunos – inclusive de habilidades motoras e cognitivas esperadas para a idade, como reconhecer letras e números, escrever o próprio nome

ou segurar o lápis –, o problema está longe de ser insolúvel. Ainda mais se houver o retorno à sala de aula, sempre que as condições sanitárias permitirem.

“Nessa fase, a gente nunca diz que uma criança está atrasada ou avançada, apenas que existem níveis distintos de desenvolvimento”, diz a coordenadora. Segundo ela, ao perceber as lacunas causadas pelo distanciamento, a equipe precisou “pisar no freio” e “voltar alguns conteúdos”, para não ficar nada para trás. A partir daí, as professoras aproveitaram a proximidade física com os alunos para oferecer acolhimento constante, atenção individualizada e intervenções pontuais.

“Se a criança chora, nós ouvimos suas queixas, mas a encorajamos: ‘Você consegue!’”, diz Ângela Freitas. “Eu tinha alunos que vibravam quando conseguiam abrir o plástico do canudo, e eu fazia a maior festa mesmo. Esse tempo presencial com cada criança permite observá-la globalmente e intervir diretamente nas dificuldades. Faz uma grande diferença”.

Viviane Rodrigues concorda: “Por um lado, não é uma tela que vai impedir os alunos de brincar e interagir; já conseguimos fazer muito a distância, com propostas variadas, principalmente quando dividimos as turmas em grupos produtivos menores. Por outro lado, se as condições permitirem aos alunos vir para a escola, venham! Esse convívio mais próximo é fundamental”.



1 Tendo a brincadeira e as interações como eixos estruturantes do aprendizado, a Ed. Infantil é prioritária no retorno ao ensino presencial, sempre que as condições permitirem.

2 Alguns sinais indicaram que o longo distanciamento pode ter tido efeitos nos níveis de autonomia, maturidade e desenvolvimento geral das crianças, que demandam atenção.

3 Embora o Vital implemente dinâmicas de ensino remoto bastante produtivas, o presencial permite maior acolhimento, olhar global sobre o aluno e intervenções precisas da equipe.



O melhor de dois mundos

No modelo de ensino híbrido, o remoto não substitui o presencial; um potencializa o outro.

Em uma manhã de fevereiro, mais uma aula começava para o 3º ano do Ensino Fundamental, quando um aluno se antecipou e exclamou, orgulhoso: “Ah, já vi isso no vídeo, professora!” Dias depois, uma menina trazia espontaneamente para a classe um livro do qual gostava muito, que tinha a ver com o tema da aula, inspirando os colegas a compartilhar outras dicas de leitura entre si, pela internet. Outras professoras viram o mesmo acontecer em suas turmas, além de relatarem casos de alunos de 9 e 10 anos organizando, por conta própria, grupos virtuais de estudo.

Situações como essas, que ilustram uma escola em bom funcionamento mesmo em meio a uma pandemia, mostram o quanto professores e alunos do Vital Brazil aprenderam a manejar a educação mediada pelas tecnologias digitais. Principalmente depois que passaram a adotar – como ocorreu no início do ano e vai se repetir ao longo dos próximos meses – o modelo de ensino híbrido, em que parte das aulas é presencial e outra parte é em casa, mas de uma forma que as duas experiências se integram e se complementam.

Segundo Vanessa Inagaki, coordenadora do Fundamental I, o modelo teve boa aceitação entre alunos e pais. Respeitando as medidas de cuidado sanitário e os limites de ocupação da escola, em fevereiro o Colégio passou a receber as turmas do 2º ao 5º ano em sistema de rodízio: dois dias presenciais e três a distância, por semana. Embora pudessem optar pelo ensino totalmente remoto para seus filhos, a coordenadora estima que mais de 75% das famílias aderiram ao modelo híbrido.

No que não se arrependeram: após meses de distanciamento, as vantagens do retorno às aulas presenciais, ainda que parcial, logo ficaram evidentes. “É inegável

que os momentos de interação mais próxima permitem aos professores observar e orientar os alunos de forma mais direta”, diz Vanessa.

Mas não se trata apenas da atenção do professor ao aluno. Segundo Amanda Alboreda, que leciona para o 3º ano, a atenção do aluno ao professor também é maior nas aulas presenciais. “Após tanto tempo em casa, eles haviam perdido um pouco a capacidade de foco, talvez por terem se acostumado com as atividades assíncronas, às quais sempre podem voltar para rever algo que tenham deixado passar. Já na aula presencial, não podemos ficar repetindo o conteúdo toda vez que o aluno se distrai”, diz Amanda.

Professora do 5º ano, Fernanda Fernandes concorda com a colega que a volta ao ambiente físico fez os alunos reexercitarem não só o foco, mas também alguns procedimentos elementares da rotina escolar. “Eu os senti inseguros no começo, precisando da minha afirmação até para coisas básicas, como preencher a pauta da aula ou fazer registros no caderno. ‘Copiei certo, professora?’ O retorno os ajudou a recuperar essas competências”, diz Fernanda.

Além do mais, havia o fator emocional. Se o foco na aula é um pilar do aprendizado, o engajamento – a vontade de participar – é igualmente essencial. E, depois de quase um ano distantes, a ideia de reencontrar colegas e professores era motivação mais que suficiente para que os alunos voltassem ao Colégio.

“Foi muita, muita alegria”, diz Amanda, afirmando não ter percebido receio dos alunos quanto aos riscos de saúde. “No 3º ano, as crianças já estavam muito bem preparadas pelos pais para seguir os protocolos de higiene, sabiam tirar as máscaras sem tocar no rosto, sentavam

bonitinhas às mesas. A maior dificuldade era conter o entusiasmo para se manterem afastadas umas das outras”.

Mãe de uma das alunas de Amanda, Vanessa Andrea Valle corrobora o depoimento da professora ao relatar a experiência da filha Ana Clara, de 8 anos. “[Fevereiro] foi maravilhoso. Ela voltava feliz da escola, cheia de histórias para contar”, diz Vanessa, ressaltando um detalhe crucial: este é o primeiro ano da filha no Vital Brazil, tendo vindo de um escola na qual não havia feito muitos amigos e mal tinha coragem de se manifestar.

“Ana Clara era muito tímida, quase não saía voz quando ela falava, de tão baixinho”, lembra a mãe, ao elogiar o acolhimento que a professora teve com sua filha. “Hoje ela é outra criança. Nas aulas *on-line*, eu a vejo abrir câmera, chamar os amiguinhos, liderar o grupo”. O fato dessa transformação ter se dado num processo de troca de escolas e no meio de uma pandemia, com menos encontros presenciais, só fez aumentar a admiração de Vanessa pelo Colégio.

Integrando as experiências

É preciso notar, porém, que os dias de aula presencial não seriam tão bem-sucedidos sem um aprimoramento da parcela remota do modelo híbrido, fruto de um ano de prática da equipe e dos alunos com as novas tecnologias digitais.

“Aprendemos a elaborar melhores roteiros de atividades, mais autoexplicativos, que permitem aos alunos realizar tarefas mais autonomamente”, diz a coorde-

nadora, Vanessa Inagaki. Sua xará, mãe da Ana Clara, confirma: “As atividades são muito bem pensadas para extrair dos alunos mais que o básico; não é só ler o texto, é ler e interpretar, relacionar com outras disciplinas”, diz Vanessa Valle.

Professora do 4º ano, Ellen Alencar também nota a evolução dos alunos no meio digital. “Além das atividades, a gente passa referências para estudo, como textos, vídeos e *links*, e a maioria está aproveitando, pois já percebeu o que isso representa para o aprendizado”, diz Ellen.

Como resultado, a integração entre aulas presenciais e estudos individuais foi sentida por todos. “Eles já chegam com exercícios feitos, antecipam-se aos conteúdos, trazem dúvidas para a aula, que se torna mais dinâmica”, diz Amanda Alboreda. “Outro dia, uma aluna trouxe o livro *O Carteiro Chegou*, porque estávamos trabalhando cartas como gênero textual. Eu tirei uma foto dela, postei no [Microsoft] Teams, aí a turma toda passou a compartilhar mais sugestões de leitura”.

No 5º ano, Fernanda Fernandes viu a mesma desenvoltura da turma no uso dos ambientes digitais de aprendizado. “Tive alunos compartilhando vídeos que ensinavam a fazer mapas mentais [técnica de síntese do estudo por meio de diagramas e palavras-chave], fazendo reuniões de trabalho pelo Zoom, interagindo por *chat*...”, diz a professora. Como resume Vanessa Inagaki: “No ensino híbrido, o remoto não substitui o presencial; um potencializa o outro”.



A aluna Ana Clara, do 3º ano, assiste a aulas da professora Amanda Alboreda em casa e na escola: experiência bem-sucedida com o ensino híbrido.

1 No início do ano, o Fundamental I adotou o modelo de ensino híbrido – 3 dias de aula a distância e 2 presenciais, por semana –, com adesão da grande maioria das famílias.

2 A chave é a integração das experiências: bons roteiros de atividade permitem ao aluno antecipar conteúdos e avançar nos estudos, tornando a aula presencial mais dinâmica.

3 Ao mesmo tempo que fomenta a autonomia nos momentos de estudo individual, o retorno à escola recupera habilidades essenciais, como a manutenção do foco do estudante.

O envolvimento do grupo

Na interação entre alunos em casa e em sala de aula, o ensino simultâneo melhora o engajamento de todos e faz avançar o aprendizado.

A discussão vai começar cedo na aula de Geografia do professor José Roberto Calabria, naquela manhã de sexta-feira. O tema será o capítulo “Organização do espaço geográfico mundial e cenários geopolíticos”, do livro didático do 8º ano, mas José Roberto não vai apenas falar para os alunos, ele quer provocá-los a participar da conversa. Após explicar que o conceito de território, para a Geografia, define qualquer espaço com limites e regras próprias, instituídas por alguma forma de poder, ele questiona se uma casa pode ser considerada um território.

“A casa de vocês tem limites?”, pergunta o professor.

“Sim”, responde a turma.

“Tem regras que devem ser seguidas?”

Nova resposta afirmativa.

“Tem alguém que manda na casa?”

É quando começam as divergências.

“Minha mãe”, diz um aluno, logo abafado por uma confusão de vozes. “Não necessariamente, professor, não é que nem uma ditadura”, pondera outro.

José Roberto joga mais lenha no debate. As favelas cariocas seriam territórios? “Acho que sim, tem grupos que comandam”, arrisca alguém. “Mas eles não têm po-

der de fato, o poder maior é o do governo”, retruca outro. E a escola? E no reino animal, haveria territórios?

A discussão continua animada, demonstrando o envolvimento da turma numa aula que transcorre dentro do planejado pelo professor. Os alunos estão interessados e construindo juntos conclusões sobre o tema. Que eles estejam separados por quilômetros de distância – um terço da classe no Colégio e o restante em suas casas, participando da aula via Zoom – é quase um detalhe.

Saudade não é a única razão

Implementado no início do ano como forma de promover um retorno possível dos alunos à sala de aula presencial, mas respeitando o limite de ocupação das escolas determinado pelas autoridades, o sistema de rodízio que o Vital Brazil adotou para as turmas do Fundamental II e da 1ª e 2ª séries do Médio fez surgir, com bons resultados, esta experiência nova: o ensino simultâneo.

Objetivamente: dividem-se todas as turmas em grupos, que passam a se alternar nos dias em que podem ir ao Colégio, enquanto os outros acompanham as mesmas aulas ao vivo, de casa. Segundo o coordenador do Fundamental II, Roberto Leal, o sistema não só garante a limita-

ção de pessoas por sala – e portanto a distância mínima de 1,5 metro entre elas – como faz com que todo aluno tenha a oportunidade de assistir a aulas presenciais de todas as disciplinas. “Com o rodízio de três em três dias, o aluno fica vindo ao Colégio em dias diferentes da semana, então eventualmente ele vai ter aulas presenciais com todos os professores”, diz Roberto (o Inglês, que permanece 100% remoto, é exceção, devido ao critério diferenciado de montagem das turmas, por nível do idioma).

Mas se a chance de rever de perto amigos e professores, com segurança, é um grande atrativo para a maioria dos alunos (o coordenador estima que, em fevereiro, 80% dos alunos aproveitaram o rodízio para frequentar as aulas presenciais), saudade certamente não é a única razão.

“Uma aluna do 8º ano me disse que precisava vir até pela sua saúde mental”, conta a professora de Matemática Juliana Jong, ressaltando como, no retorno à sala de aula, no início do ano, viu seus alunos sobretudo felizes, muito felizes. “Outro caso interessante foi de uma aluna do 9º ano, cuja família prefere que ela permaneça em casa, no ensino remoto, mas que no dia do aniversário ganhou de presente a chance de vir à escola”.

E não se trata apenas de uma questão emocional, garante a aluna Maria Clara Dobscha, do 9º ano B. “É mais difícil aprender em casa, porque você se distrai muito fácil. Na sala, você aprende dez vezes mais, porque o professor está ali, e você é obrigada a prestar atenção”. Mas os protocolos sanitários não atrapalham esse foco? Não para Maria Clara: “A gente já passou pelo ano passado, já se acostumou com a máscara. É tranquilo”.

Já o professor de História Heitor Loureiro nota que, se por um lado os alunos dizem se concentrar melhor no presencial, por outro, os dias de retorno à sala de aula podem torná-los mais produtivos mesmo em casa. “Nesse ensino simultâneo, o aluno que vem para a aula presencial percebe até como funciona melhor para os alunos que estão em casa”. Percebe, por exemplo, a diferença que faz abrir câmera, pedir a palavra antes de falar (usando uma ferramenta do Zoom), entre outras dicas, listadas no quadro ao lado.

De fato, é uma dinâmica nova para todos, até para os professores: “Acho que para eles [o ensino simultâneo] foi meio difícil no começo, porque primeiro eles davam mais atenção ao grupo virtual, depois mais atenção para a classe, mas com o tempo foram pegando o jeito”, diz Elizabeth Strenger, do 8º B. Segundo Heitor, os próprios alunos na sala de aula o ajudam a interagir com os de casa, chamando sua atenção para alguém que esteja pedindo a palavra, se ele estiver de costas para a tela.

E é nessa interação direta entre os dois grupos de alunos que talvez esteja um grande benefício do ensino simultâneo: mesmo para quem está remoto, a dinâmica da

Como tornar aulas via Zoom mais produtivas?

- ♦ **Prepare-se para a aula como se fosse presencial.** Acorde a tempo de tomar banho e café da manhã, trocar de roupa e entrar na aula realmente desperto.
- ♦ **Vista uniforme ou, pelo menos, tire o pijama.** A rotina ajuda o cérebro a se preparar para aprender, com foco e engajamento.
- ♦ **Abra sua câmera.** Ver e ser visto pela turma ajuda não só o professor, mas o aluno a se manter focado na aula.
- ♦ **Use a função “levantar a mão” do Zoom.** Para pedir a palavra, evite usar o *chat* (que o professor pode não ver durante a aula) ou falar direto no microfone (que pode interromper o áudio de outro). O Zoom exhibe os pedidos na ordem em que foram feitos.
- ♦ **Mantenha seu microfone mudo.** Exceto, claro, na hora de falar.



A câmera à frente do professor José Roberto Calabria, de Geografia, integra os alunos de casa com o restante da turma na sala de aula: tecnologia vencendo distâncias.

Encantamento pelo idioma

Como o Vital cria um vínculo do aluno com o Inglês, acompanhando seu universo de interesses e dando sentido ao aprendizado da língua por meio de experiências concretas.

Aos 48 anos, as memórias que Flávio Nascimento traz das aulas de Inglês dos seus tempos de escola não se parecem em nada com o que seus filhos vivem hoje, como alunos do Vital Brazil. Se para ele as lembranças que ficam são de lições aborrecidas, focadas em questões gramaticais descontextualizadas – como o uso de preposições ou a conjugação do verbo “to be” –, para seus filhos, Benício, 10 anos, e Miguel, 7, as aulas de Inglês podem ser tudo, menos maçantes.

Segundo Flávio, as professoras do Vital se comunicam com os filhos de uma maneira “muito mais próxima da linguagem natural”, falando em inglês como falariam normalmente em português, além de usarem muitas músicas e brincadeiras para ir “despertando a curiosidade deles”. “Eu me lembro do Benício, ano passado, supermotivado para contar a história dos três porquinhos, em inglês, para uma turma do 1º ano”, diz Flávio. “Percebo um encantamento que faltava na minha época”.

De fato, o encantamento é planejado. Contando com um programa de Inglês que já começa intenso desde cedo – são quatro aulas por semana, do Pré I à 3ª série do Ensino Médio –, o Vital tem o cuidado de tornar os primeiros anos de contato da criança com a língua inglesa um período de experiências variadas, imersivas e, sobretudo, estimulantes.

Das músicas e brincadeiras citadas por Flávio aos contos de fadas, de livros infantis sobre centopeias famintas a fotografias de lugares exóticos do planeta, de plantar pés de feijão a dar banho em bichos de pelúcia, tudo visa despertar o interesse dos alunos enquanto se comunicam

em inglês. E, mesmo quando, no momento certo, o ensino passar a trabalhar estruturas gramaticais e outros conteúdos linguísticos de forma mais sistematizada, no que depender da equipe docente, os alunos do Vital vão continuar gostando de aprender Inglês.

Contudo, entre as primeiras cantigas de roda e os certificados de proficiência do idioma, adquiridos no Ensino Médio, transcorre uma longa jornada.

Brincar com o Inglês

“A grande marca da Educação Infantil é o vínculo com o idioma”, diz a professora Maria Luciana Gomes, que hoje leciona para turmas de 1º, 4º e 5º anos do Fundamental, mas já deu aulas para os mais novos. Segundo ela, antes de qualquer outro objetivo, é preciso fazer a criança “querer brincar com o Inglês”. “Os alunos querem falar conosco usando as palavras novas que aprendem na aula. ‘Teacher, hoje o dia está sunny!’ É divertido para eles”, diz ela.

Professora da Educação Infantil, Katia Silva diz que fundamental para a construção desse vínculo é o estabelecimento de uma rotina. Todas as aulas começam com uma música simples de saudação (*Hello Song*), uma breve conversa sobre como todos estão se sentindo, como está o dia e outras amenidades, e terminam com uma música de despedida (*Goodbye Song*). Entre uma canção e outra, muitas atividades lúdicas. Segundo Katia, a repetição dessa rotina cria um contexto próprio no qual os alunos são expostos à nova língua, percebem que ali existe essa outra forma de se expressar. “O contexto ancora o uso da língua”, concorda Maria Luciana.

Até por isso, notam as professoras, não deveria ser surpresa para os pais que, fora da aula, em família, os filhos não desatem a falar em inglês desde cedo. É no contexto da aula que eles sentem vontade de usar o idioma, experimentando suas primeiras palavras em inglês para participar das brincadeiras e atividades, que vão acompanhando o universo de interesses da criança.

Assim, se na Educação Infantil as aulas focam em explorar números, letras, cores e formas geométricas, por exemplo, no primeiro ciclo do Ensino Fundamental os temas já se expandem para abarcar livros de aventura e notícias variadas sobre o mundo – como a história real da amizade entre um macaquinho órfão e uma pomba, na China, retratados em fotos da *National Geographic*, que costuma comover as turmas do 3º ano.

A imersão no novo idioma acontece natural e gradualmente. Os alunos vão se familiarizando com uma diversidade crescente de sons, palavras e estruturas da nova língua, mas sem que as professoras precisem enfatizar ou nomeá-las. Professora do 2º e 3º anos, Lara Cristina Dable dá um exemplo dessa abordagem: “Se eu seguro um lápis e pergunto ‘*What is this?*’, o aluno pode responder apenas ‘*pencil*’. Mas eu insisto: ‘*This is a...?*’, até que ele passa a usar a estrutura de frase ‘*This is a pencil!*’. O que ela não vai fazer é falar em pronome, substantivo, tempo verbal ou qualquer outro termo gramatical. Isso só ocorre a partir do 6º ano, quando começa uma nova e importante etapa.

Experiências que o aluno quer viver

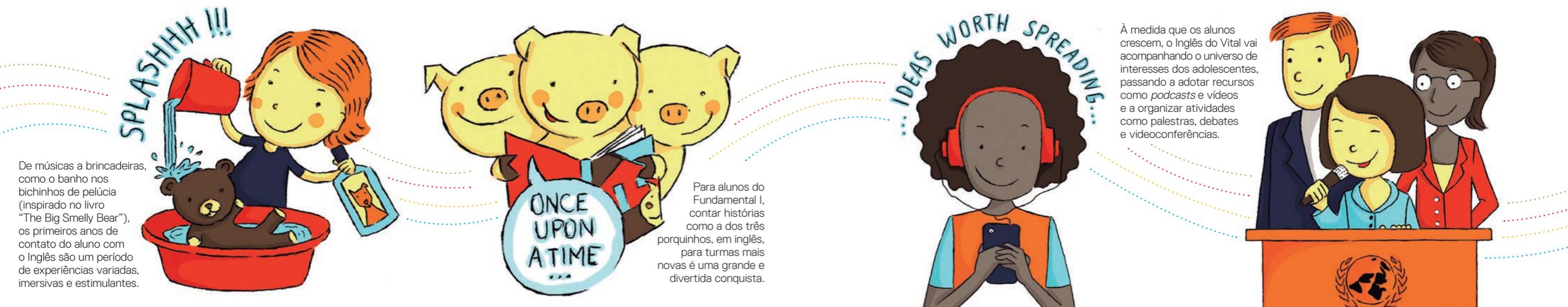
Do 6º ano em diante, o Inglês do Vital se estrutura não mais pela progressão das séries escolares, mas pelo domínio do idioma dos alunos, que passam a assistir a aulas com colegas de mesmo nível, em turmas de, no máximo, 15 alunos. Na prática, é um cursinho de Inglês que corre paralelamente às outras disciplinas do Colégio e permite a cada aluno avançar em seu próprio ritmo, de forma mais produtiva para todos. Ninguém fica para trás numa turma

de colegas mais adiantados, tampouco fica limitado a um inglês mais básico do que poderia praticar.

Quase todos os alunos começam essa etapa do programa em estágios que correspondem aos níveis iniciais do Quadro Comum Europeu de Referência para as Línguas (CEFR, na sigla em inglês) – o que não é pouco. Isso significa que, até o 5º ano, eles já aprenderam a se comunicar com um inglês básico (para conversas simples, sobre sua vida pessoal ou temas familiares), a ler livros adequados à sua faixa etária e a escrever pequenos textos, como cartões-postais, por exemplo.

Entretanto, se até aqui o Inglês foi trabalhado mais como instrumento de aquisição de conhecimentos – servindo para apresentar as músicas, brincadeiras, experimentos e curiosidades culturais abordados nas aulas –, a partir do 6º ano, o idioma em si, suas regras e estruturas formais também serão objeto de estudo. Até o fim do Ensino Médio, os alunos aprimoram em igual medida as quatro habilidades da língua – fala, escuta, escrita e leitura –, alcançando um domínio do Inglês que lhes permite adquirir, no mínimo, o certificado FCE da Universidade de Cambridge (para não falar no número crescente de alunos que saem do Vital com o CAE ou o CPE, certificados ainda mais avançados).

O que não quer dizer, é claro, que o estudo se torna mais chato. “A gente continua explorando a função da língua para os interesses deles. Se nessa idade eles ouvem *podcasts* e assistem a vídeos de TED Talks, é isso que vamos priorizar”, diz Carolina Honda, professora do Fundamental II e do Médio. Segundo ela, é assim que o Vital consegue “dar significado ao aprendizado do Inglês, criando experiências concretas” que os alunos queiram viver – como apresentar palestras, organizar debates e participar de videoconferências com convidados internacionais. Uma forma de cultivar e manter aquele mesmo entusiasmo percebido por Flávio Nascimento em seu filho Benício, quando este conseguiu contar a história dos três porquinhos.



Ajustando o foco

Ex-aluna relembra seu processo de escolha da faculdade e a descoberta de um campo novo de interesses e paixão pelo audiovisual.



Midialogia. Já ouviu falar? Como muita gente, Fernanda Lima, 19 anos, não sabia da existência do curso até o vestibular e a escolha profissional entrarem no radar das suas preocupações, há pouco mais de três anos. Na época, ela era conhecida no Vital Brazil como a garota que andava com uma câmera fotográfica a tiracolo, registrando os colegas – e também como autora das melhores imagens do Interclasses. Apaixonada por fotografia e por natureza, seu interesse pendia, de um lado, para a Comunicação; de outro, para a Geografia. Na dúvida do que escolher, procurou ajuda do coordenador do Ensino Médio, André Rebelo.

“Expliquei a ele a minha admiração pelo trabalho do Araquém Alcântara, um dos maiores fotógrafos de natureza do Brasil”, lembra Fernanda. “Eu me encantei pela ideia de mostrar esses lugares, essa beleza”. O coordenador fsgou no discurso da aluna a inclinação por comunicar.

A partir de então, trataram de refinar a procura pelo curso da área da Comunicação no qual Fernanda pudesse dar vazão à sua vocação e aprimorá-la. A escolha parecia se encaminhar para o Jornalismo, quando André lhe falou de um curso novo, diferente, também na seara da Comunicação, mas centrado em mídias audiovisuais, como a fotografia, o cinema, a televisão, o vídeo e as redes digitais: a Midialogia. “Se não fosse a orientação do André, talvez eu não chegasse ao curso. E foi a melhor escolha que já fiz”, garante Fernanda.

Em 2019, Fernanda prestou Midialogia na Unicamp (Universidade Estadual de Campinas). A aprovação demorou – conseguiu a vaga somente na quinta chamada –, mas foi o passaporte para uma nova e esperada etapa de vida: a jovem deixou a casa dos pais, na Vila Leopoldina, em São Paulo, para morar sozinha em Campinas e encarar o cotidiano de uma típica estudante da Unicamp. Por pouco tempo. Mais exatamente, por cinco aulas, até a pandemia decretar o fim das atividades presenciais na universidade.

Desde então, Fernanda foi obrigada a voltar alguns passos em seu projeto de independência. Está morando na casa dos pais novamente. De resto, no entanto, as coisas caminham. Está no segundo ano de Midialogia. As aulas remotas, segundo ela, funcionam bem. “Os professores são maleáveis e muito acessíveis, o que torna tudo mais fácil”.

O período é de descobertas. “Comecei o curso pensando em fotografia e imagem e abri o leque”, revela. “Tenho me interessado pela parte de produção executiva de cinema e também por *design*”. Fernanda tem exercitado o talento de *designer* produzindo logotipos, criando identidade visual de redes sociais e *sites*. O trabalho tem lhe proporcionado independência financeira. “O que é ótimo aos 19 anos”, diz a jovem, que, apesar da saudade de poder sair por aí clicando, como na época do Vital, já enxerga com mais nitidez os horizontes que deseja explorar.



Fotos: Fernanda Lima

"O maior desafio foi a distância..."

"Foi me sentir meio sozinha..."

Quando os desafios se multiplicam...

"Sem ter com quem dividir..."

"Não ver a cara dos colegas"

"A ansiedade dobrou..."

USP

CIÊNCIAS

BIOMÉDICAS

"Os professores se esforçaram..."

"Ele comprou uma lousa para usar em casa..."

...ainda é possível somar forças.

"Todos tiveram de se reinventar..."

"Minha família me apoiou muito..."

"Amigos e professores ajudaram..."

ESPECIAL

VESTIBULAR
2021

Colégio
**VITAL
BRAZIL**
A força do ensino

À frente, o maior dos desafios. Ao lado, toda a força do ensino.

Na história do Vital Brazil, 2020 foi o ano em que a força do ensino mais se mostrou ser, na verdade, uma soma de forças. Uma aliança entre uma escola capaz de se adaptar rapidamente às maiores mudanças; uma equipe qualificada e dedicada a fazer o máximo por suas turmas; um conjunto de famílias parceiras e presentes; e, principalmente, um grupo de alunos confiantes na própria capacidade de realizar seus sonhos.



“O Vital foi um dos motivos de eu conseguir realizar o sonho que tinha desde os 8 anos de idade, quando ia no *campus* passear e andar de bicicleta: estudar na USP!”

Sabrina Domingues Miranda, aprovada em Eng. Ambiental na Poli-USP e em Eng. Química na Unicamp.

“A importância do Vital foi, principalmente, me fazer acreditar em mim mesmo. Eles nos mostravam através de exemplos que, se outras pessoas haviam conseguido, nós também conseguiríamos.”

Felipe Portilho Figueira Gonzalez, aprovado em Publicidade e Propaganda na USP e em Mídia Digital na Unicamp.

APROVAÇÕES

51 públicas 71 particulares

CONHECIMENTO EM 1º LUGAR

Luiza dos Santos Peruzzi,
1º lugar em Administração (PUC-SP)

Isabela S. V. Varandas,
1º lugar em Eng. Mecânica (Mackenzie)

UNIVERSIDADES	APROVADOS
Federais (Sisu)	21
USP	15
Unicamp	13
Mackenzie	12
PUC-SP	9
FGV	5
Unifesp	5
Unesp	2
IBMEC	2



“Toda a tradição do Vital sempre foi de exigir muito esforço, que foi ainda mais necessário no ano passado, quando a gente precisou se adaptar para manter o ritmo dos estudos.”

Francisco Mirra Galante Miller, aprovado em Eng. Civil na Unicamp e no Mackenzie.

Turma de formandos de 2020



“O Vital é uma escola que literalmente dá palestra sobre como estudar: como você pega o conhecimento e materializa num teste. Também aprendi a me organizar num nível supremo.”

Laura Zioli da Igreja, aprovada em Ciências Contábeis na USP, em Economia na FGV e em Eng. de Produção na UFSCar.



“De todos os anos, com certeza 2020 foi o mais difícil, mas a bagagem que eu trouxe desde o Fundamental me deu muita autonomia e responsabilidade para encarar o desafio.”

Letícia Marcelino Gouvêa, aprovada em Biomedicina na USP e na Unifesp, em Farmácia na Unicamp e em Moda na Anhembi Morumbi, na Santa Marcelina, na Belas Artes e na Faap.

“Já no 1º contato com a faculdade, eu vi a importância do Vital. Tem de ter disciplina, há uma quantidade imensa de textos para ler, e para mim está sendo ok, pois o Vital já criou a gente assim.”

Julia Panizza Batista, aprovada em Dança na Unicamp.

